

## EDIÇÃO ESPECIAL SOBRE A ELEVAÇÃO DO PREÇO DO AÇO

Falta e custo de matérias-primas é o principal problema da indústria

Oferta de aço caiu e produção é insuficiente para atender a demanda

Consumo de aço foi impulsionado pela rápida retomada da economia

Comércio exterior de aço: exportações e importações tiveram queda

Cotação do minério de ferro: principal insumo ficou mais caro

Desvalorização do Real impulsiona o preço dos insumos

Preço dos diversos tipos de aços disparou no mercado interno em 2020

Perspectiva é de alívio nos preços a partir do segundo trimestre

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731

UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS

[www.fiergs.org.br/indicadores-e-estudos-economicos](http://www.fiergs.org.br/indicadores-e-estudos-economicos)

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

## Falta e custo de matérias-primas é o principal problema da indústria

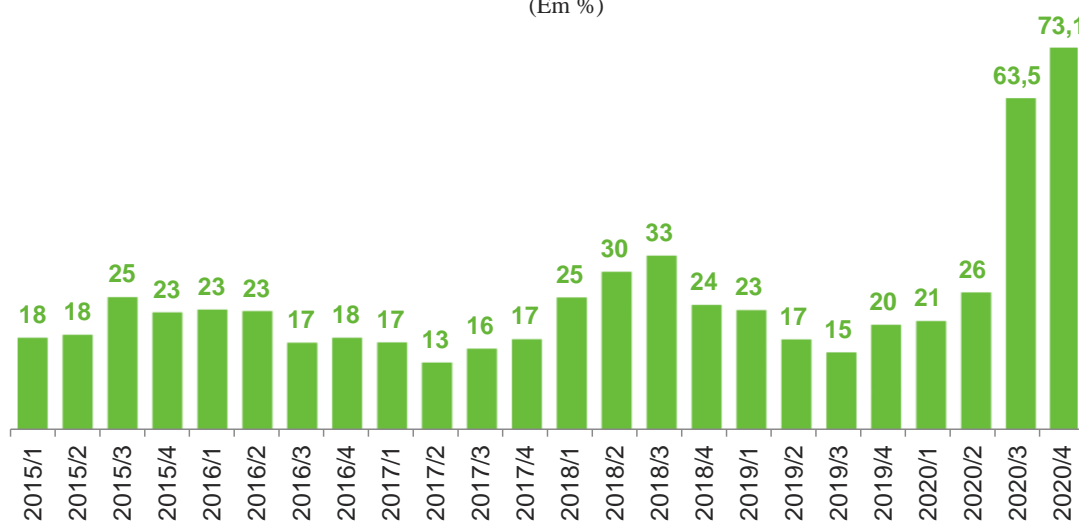
Nos últimos trimestres, chama atenção a evolução da falta ou alto custo de matéria-prima entre os principais problemas enfrentados pela indústria. Os setores observam falta ou aumento de custo do aço, vidro, plástico, papelão e dos “tecidos não tecidos” (TNT).

Dados da Sondagem Industrial da FIERGS corroboram esse sentimento. No quarto trimestre de 2019, apenas 20% dos industriais gaúchos destacavam esse problema. Já no último trimestre de 2020, a falta ou os preços dos insumos e matérias-primas foi, de longe, o maior entrave enfrentado: 73,1% dos industriais gaúchos apontaram esse como o principal

problema, 9,6 pontos percentuais acima do trimestre anterior, quando também foi o principal obstáculo.

O setor industrial do Rio Grande do Sul também sofre com a elevada carga tributária (44,7% das indústrias) e a taxa de câmbio (38,6% das indústrias), porém não há registro anterior de um problema tão intenso e disseminado quanto a falta de insumos. Nesse contexto, vamos abordar, a seguir, a conjuntura que levou ao aumento no preço do aço – um importante insumo para a indústria gaúcha –, mas destacamos que a conjuntura é semelhante para as demais matérias-primas.

### Evolução da participação da “Falta ou alto custo da matéria-prima” entre os principais problemas da indústria do RS (Em %)



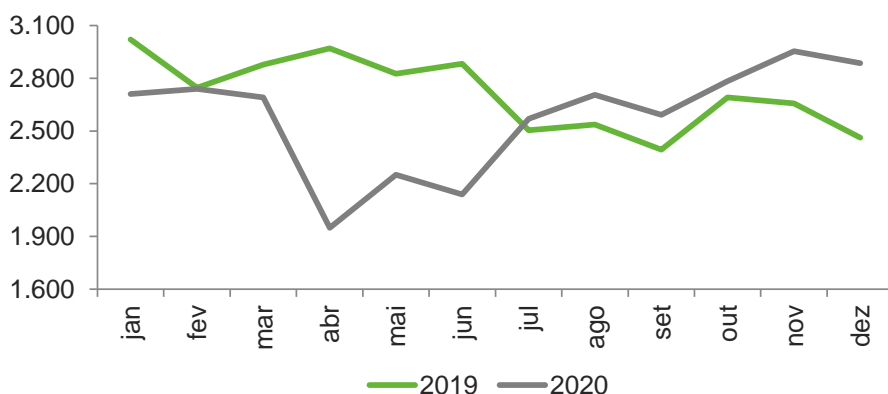
Fonte: Sondagem Industrial/FIERGS.

## Oferta de aço caiu e produção é insuficiente para atender a demanda

As medidas de isolamento social como forma de conter o avanço da pandemia, combinadas com a elevada incerteza quanto à extensão da crise que se iniciava, provocaram uma forte queda na atividade econômica, o que se refletiu em uma menor demanda de matérias-primas por parte das empresas. Como consequência, a produção siderúrgica do Brasil sofreu uma expressiva contração nesse período.

Cabe destacar que as dificuldades do momento levaram diversas siderúrgicas a tomarem decisões radicais de corte de produção, inclusive com o abafamento e desligamento de altos fornos, aciarias e laminações. Projetados para funcionar de forma ininterrupta, o desligamento de um alto forno é custoso e seu pleno religamento pode levar semanas até atingir o nível ótimo de produção.

### Produção de Aço Bruto - Brasil (Mil toneladas)



Fonte: Instituto Aço Brasil. Elaboração: UEE/FIERGS.

Mês	2019	2020
jan	3.021	2.711
fev	2.747	2.740
mar	2.878	2.692
abr	2.970	1.948
mai	2.826	2.251
jun	2.883	2.139
jul	2.505	2.570
ago	2.537	2.705
set	2.394	2.592
out	2.690	2.784
nov	2.657	2.954
dez	2.462	2.886

A produção brasileira de Aço Bruto começou o ano de 2020 em queda na comparação com o mesmo período de 2019. Entre abril e junho, em todos os meses a produção caiu mais de 20% em relação ao mesmo período de 2019. A partir de julho, com a reabertura gradual das atividades, os números começaram a melhorar, mas com taxas insuficientes para repor as perdas que chegaram a 4,9% no acumulado do ano.

Ainda, é válido mencionar que a produção de Laminados Planos começou a apresentar reação somente em outubro, após sete meses de quedas consecutivas na comparação com os respectivos meses de 2019. Já a produção de Laminados Longos, puxada pela construção civil, cresceu nos últimos seis meses observados.

A queda na produção siderúrgica não foi uma exclusividade brasileira. No mundo, a produção caiu 1,0% no acumulado jan-nov de 2020 frente ao mesmo período de 2019. Entre os dez principais países produtores, apenas quatro apresentaram crescimento no período: China (+5,7%), EUA (+2,6%), Turquia (+4,9%) e Irã (+44,1%).

## Produção Mundial de Aço Bruto

(Mil toneladas)

Posição*	Países	Jan-Nov		2020/2019 (Var. %)	Part.(%)*
		2019	2020		
1º	China	911.065	963.177	5,7	57,5
2º	Índia	101.968	89.394	-12,3	5,3
3º	Japão	91.499	75.669	-17,3	4,5
4º	Estados Unidos	65.570	67.257	2,6	4,0
5º	Rússia	80.470	66.256	-17,7	4,0
6º	Coréia do Sul	65.532	60.800	-7,2	3,6
7º	Alemanha	36.792	32.521	-11,6	1,9
8º	Turquia	30.850	32.360	4,9	1,9
9º	Brasil	30.107	28.085	-6,7	1,7
10º	Irã	18.535	26.703	44,1	1,6
	Outros	259.483	233.380	-10,1	13,9
	<b>Total</b>	<b>1.691.871</b>	<b>1.675.602</b>	<b>-1,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Instituto Aço Brasil. Elaboração: UEE/FIERGS. \* Jan-Nov/20.

## Produção Siderúrgica - Brasil

(Var. % frente ao mesmo período do ano anterior)

Produto	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez	Acum. 2020
<b>Aço Bruto</b>	<b>-10,3</b>	<b>-0,3</b>	<b>-6,5</b>	<b>-34,4</b>	<b>-20,4</b>	<b>-25,8</b>	<b>2,6</b>	<b>6,6</b>	<b>8,2</b>	<b>3,5</b>	<b>11,2</b>	<b>17,2</b>	<b>-4,9</b>
<b>Laminados</b>	<b>6,6</b>	<b>1,5</b>	<b>-7,8</b>	<b>-33,9</b>	<b>-28,6</b>	<b>-13,8</b>	<b>-13,7</b>	<b>-3,8</b>	<b>-0,9</b>	<b>12,6</b>	<b>9,6</b>	<b>41,0</b>	<b>-3,7</b>
Planos	10,8	6,2	-12,8	-28,3	-37,9	-17,2	-28,8	-8,3	-6,0	15,7	6,5	33,1	-6,8
Longos	0,8	-4,4	-0,3	-42,2	-14,5	-9,0	10,4	2,3	6,4	8,7	13,8	54,7	0,8
<b>Semiacabados P/ Vendas</b>	<b>-17,9</b>	<b>0,1</b>	<b>-10,0</b>	<b>-23,8</b>	<b>-3,2</b>	<b>-15,8</b>	<b>9,2</b>	<b>3,8</b>	<b>-31,9</b>	<b>-1,4</b>	<b>-9,6</b>	<b>-29,4</b>	<b>-11,6</b>
Placas	-9,8	9,0	-5,8	-19,8	2,5	-17,8	15,9	11,3	-26,5	-1,3	-3,0	-20,8	-6,2
Blocos e Tarugos	-75,3	-80,4	-41,2	-62,1	-61,3	-2,8	-29,7	-43,9	-59,7	-2,4	-75,4	-71,1	-50,2
<b>Ferro-Gusa</b>	<b>-11,5</b>	<b>-1,3</b>	<b>-11,1</b>	<b>-26,0</b>	<b>-24,9</b>	<b>-25,9</b>	<b>5,9</b>	<b>10,1</b>	<b>4,4</b>	<b>-2,5</b>	<b>6,7</b>	<b>4,7</b>	<b>-6,7</b>

Fonte: Instituto Aço Brasil. Elaboração: UEE/FIERGS.

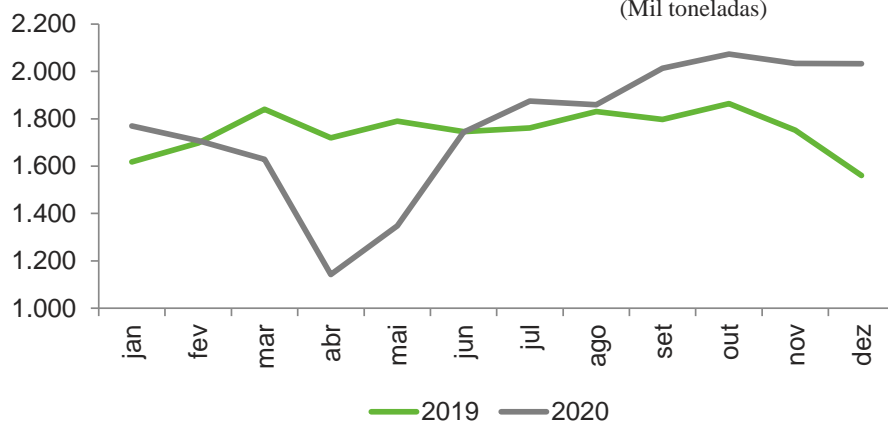
## Consumo de aço foi impulsionado pela rápida retomada da economia

Como resposta à queda da atividade econômica, os governos lançaram pacotes de estímulos fiscais grandiosos. A injeção de recursos fez com que houvesse uma rápida e forte retomada na demanda com reflexos na procura por aço, em meio a um contexto com empresas siderúrgicas operando abaixo de sua capacidade, ou seja, com restrição de oferta. Portanto, as decisões de produção tomadas no auge da crise tiveram impactos por muito tempo, deixando a cadeia produtiva sem estrutura para suprir a rápida volta da demanda reprimida por conta da pandemia, resultando na rápida e intensa elevação do preço.

O consumo aparente de produtos siderúrgicos (produção destinada ao mercado interno + importações) apresentou forte queda ante o ano anterior entre os meses de março e maio – momento mais crítico das restrições de atividade – voltando a níveis próximos aos de 2019 nos três meses seguintes. Assim como ocorreu na produção, o consumo de Aços Longos teve recuperação mais rápida em relação aos Aços Planos. A partir do mês de setembro, o crescimento no consumo total ficou mais expressivo. Mesmo assim, no acumulado do ano, o avanço foi de apenas 1,2% frente ao registrado em 2019.

## Consumo aparente de produtos siderúrgicos - Brasil

(Mil toneladas)



Fonte: Instituto Aço Brasil. Elaboração: UEE/FIERGS

Mês	2019	2020
jan	1.618	1.769
fev	1.698	1.708
mar	1.840	1.629
abr	1.720	1.143
mai	1.790	1.347
jun	1.746	1.743
jul	1.761	1.875
ago	1.831	1.859
set	1.797	2.014
out	1.864	2.073
nov	1.752	2.034
dez	1.561	2.032

# Comércio exterior de aço: exportações e importações tiveram queda

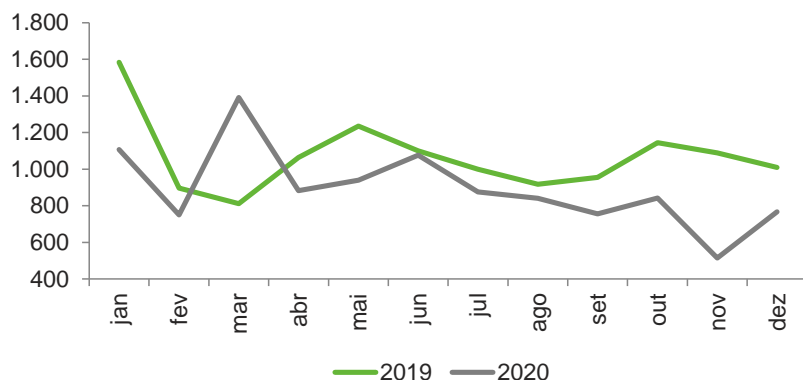
## EXPORTAÇÕES

As exportações brasileiras de produtos siderúrgicos foram menores em relação às observadas em 2019 em todos os meses de 2020, exceto no mês de março, onde houve um crescimento expressivo de 71,4% em toneladas e de 56,1% em Dólares.

No acumulado do ano, as exportações alcançaram 10,7 milhões de toneladas, uma queda de 16,1% frente a 2019, resultado puxado principalmente pelos Laminados Planos (-30,2%).

### Exportações de produtos siderúrgicos - Brasil

(Mil toneladas)



Mês	2019	2020	Var. %
jan	1.583	1.107	-30,1
fev	897	750	-16,4
mar	811	1.391	71,4
abr	1.064	883	-17,0
mai	1.235	940	-23,9
jun	1.099	1.076	-2,1
jul	1.000	875	-12,4
ago	917	841	-8,3
set	956	756	-20,9
out	1.144	842	-26,4
nov	1.089	514	-52,8
dez	1.010	766	-24,1
<b>Ano</b>	<b>12.805</b>	<b>10.742</b>	<b>-16,1</b>

(Var. % frente ao mesmo período do ano anterior)

Produto	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez	Acum. 2020
<b>Total (US\$ milhões)</b>	-44,1	-29,2	56,1	-21,9	-39,0	-30,2	-32,6	-29,2	-27,4	-31,1	-45,1	-13,5	-26,6
<b>Total (Mil toneladas)</b>	-30,1	-16,4	71,4	-17,0	-23,9	-2,1	-12,4	-8,3	-20,9	-26,4	-52,8	-24,1	-16,1
<b>Laminados</b>	-51,0	-41,2	71,0	-24,7	-16,2	-33,9	-19,9	-47,2	-35,6	-51,6	-49,8	0,1	-29,1
Planos	-53,9	-47,8	139,7	-7,9	-10,4	-39,9	11,3	-38,9	-49,9	-62,7	-74,9	-14,1	-30,2
Longos	-47,0	-31,8	-0,1	-43,5	-24,3	-25,1	-37,5	-52,9	-10,5	-33,9	1,2	12,6	-27,7
<b>Semiacabados P/ Vendas</b>	-19,1	1,3	71,6	-13,2	-27,7	14,6	-9,7	8,2	-11,5	-11,6	-53,9	-31,0	-9,9

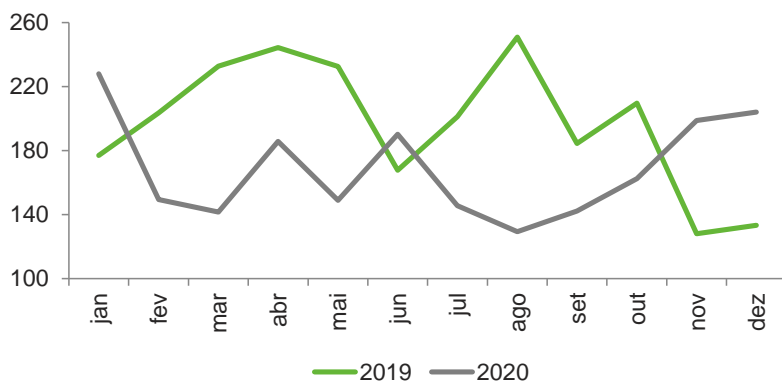
Fonte: Instituto Aço Brasil. Elaboração: UEE/FIERGS.

## IMPORTAÇÕES

Pelo lado das importações, a trajetória foi parecida com a verificada nas exportações, com poucos meses com maiores volumes que os observados em 2019 (janeiro, junho, novembro e dezembro). No acumulado do ano de 2020, as importações de produtos siderúrgicos somaram 2,0 milhões de toneladas, uma queda de 14,3% em relação a 2019.

### Importações de produtos siderúrgicos - Brasil

(Mil toneladas)



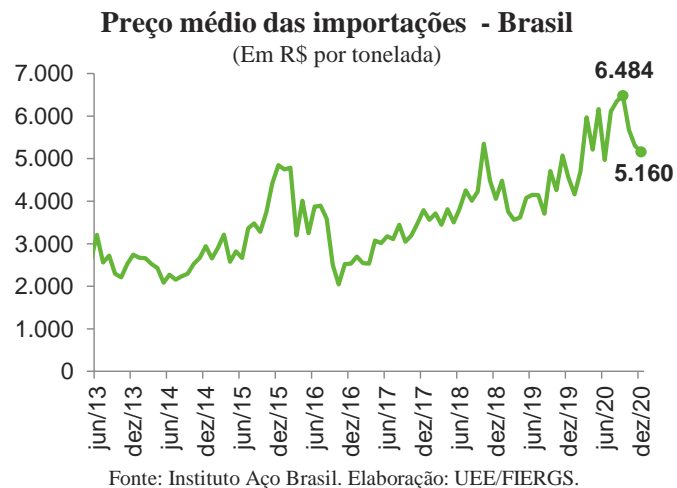
Mês	2019	2020	Var. %
jan	177	228	28,8
fev	204	149	-26,6
mar	233	142	-39,1
abr	244	186	-24,0
mai	233	149	-36,0
jun	168	190	13,4
jul	201	146	-27,7
ago	251	129	-48,4
set	184	142	-22,9
out	210	163	-22,5
nov	128	199	55,3
dez	133	204	53,0
<b>Ano</b>	<b>2.365</b>	<b>2.026</b>	<b>-14,3</b>

(Var. % frente ao mesmo período do ano anterior)

Produto	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez	Acum. 2020
<b>Total (US\$ milhões)</b>	7,8	-21,2	-19,7	-19,8	-31,4	0,9	-23,7	-35,0	-19,0	-25,0	24,6	38,5	-13,0
<b>Total (Mil toneladas)</b>	28,8	-26,6	-39,1	-24,0	-36,0	13,4	-27,7	-48,4	-22,9	-22,5	55,3	53,0	-14,3
<b>Laminados</b>	30,7	-16,7	-28,4	-18,3	-36,3	12,1	-28,4	-29,3	-23,1	-33,3	57,2	53,2	-9,6
Planos	24,6	-23,2	-35,5	-23,5	-33,3	36,6	-14,5	-24,4	-7,5	-38,7	70,4	60,6	-7,7
Longos	43,5	-2,9	-7,5	-7,9	-42,5	-20,3	-53,7	-38,8	-49,5	-17,4	36,3	41,6	-13,5
<b>Semiacabados P/ Vendas</b>	-82,9	-90,1	-96,3	-40,0	0,3	186,2	53,0	-98,8	-9,6	2.450,4	-49,2	21,8	-62,3

Fonte: Instituto Aço Brasil. Elaboração: UEE/FIERGS.

O custo de importação do aço sofreu enorme elevação em 2020, por conta da alta do preço do produto no mercado internacional e da desvalorização do real. Dividindo-se o valor importado em Dólares pela quantidade das importações em toneladas e multiplicando o resultado pela taxa de câmbio média de cada mês (R\$/US\$), chega-se ao preço médio em Reais de cada tonelada importada. Conforme ilustra o gráfico ao lado, o preço médio por tonelada de aço importada atingiu R\$ 6.484 em setembro, o maior valor da série iniciada em 2013. Nos meses seguintes houve um recuo, chegando a R\$ 5.160 em dezembro. Mesmo assim, em relação a janeiro de 2020 (R\$ 4.159), o valor de dezembro revela um aumento 24,1%.

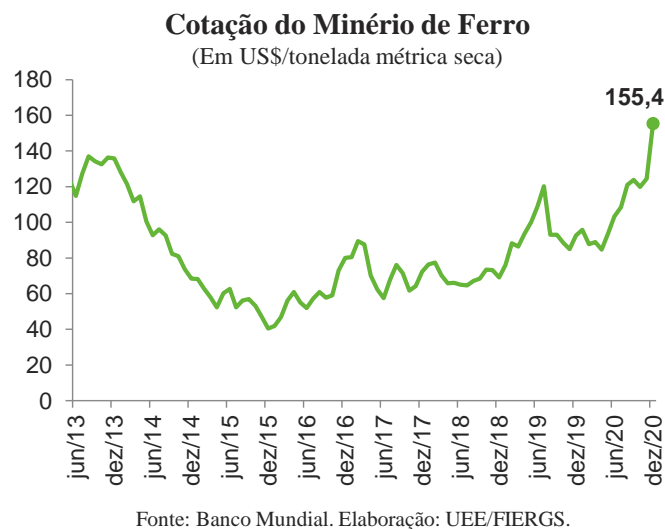


## Cotação do minério de ferro: principal insumo ficou mais caro

O minério de ferro é o principal insumo para a produção de aço. A sua escalada de preços a partir de junho é um dos principais responsáveis para o aumento no preço do aço.

Esses fortes movimentos de preços decorrem da estrutura de mercado dessa *commodity*. Tendo em vista que existe grande rigidez na oferta global do produto, tanto pelo elevado custo de expansão da capacidade de mineração, quanto pela estrutura oligopolizada de mercado, mesmo pequenos aumentos da demanda, ou na expectativa de demanda maior no futuro, resultam em aumento de preços.

Em 2020, a cotação da *commodity* avançou 67,7% passando de US\$ 92,7 a tonelada métrica seca para US\$ 155,4 em dezembro de 2020, tendo atingido, no último bimestre do ano passado, a maior variação (+24,9%) do ano na comparação mensal.



## Desvalorização do Real impulsiona o preço dos insumos

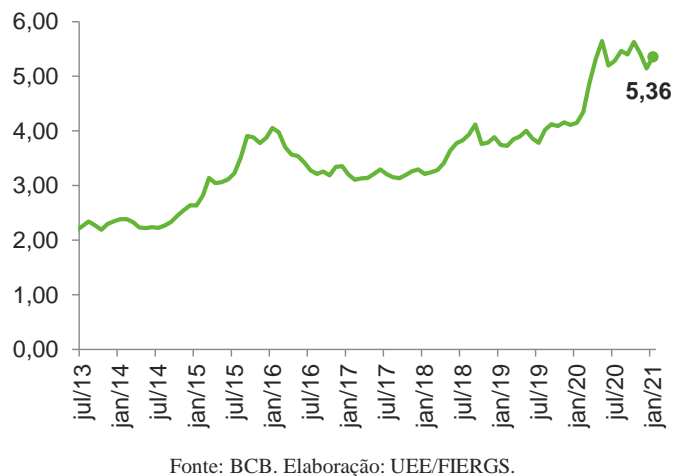
Outro mercado crítico para entendermos os movimentos no preço do aço é o cambial. Tanto o principal insumo do setor, minério de ferro, quanto o produto, são cotados internacionalmente. Dessa maneira, a desvalorização da taxa de câmbio pressiona o valor nominal do aço no mercado interno. Assim, a taxa de câmbio, que iniciou o ano de 2020 cotada a R\$/US\$ 4,15, sofreu uma desvalorização de 29,1% até o final de jan/21, em resposta à incerteza provocada pela pandemia e à redução intensa da taxa de juros básica da economia.

Portanto, parte dessa desvalorização cambial soma-se ao aumento de custos do minério de ferro e impacta os custos do aço. O repasse desses aumentos para o mercado interno depende, entre outros fatores, da estrutura concorrencial interna, custos de importação e nível de oferta internacional. Estruturalmente, o Brasil tem uma economia fechada, o que pode dificultar a

concorrência interna, mas conjuntamente houve uma queda na produção global por conta da pandemia.

### Evolução da taxa de câmbio nominal - Brasil

(Em R\$/US\$ - Média mensal)



## Preço dos diversos tipos de aços disparou no mercado interno em 2020

Como resultado da combinação de fatores descritos nos tópicos acima, o preço do aço disparou em 2020. Segundo dados do Infomet, em média, o preço dos aços **Laminados à quente** foi de R\$ 6.106 por tonelada em janeiro de 2021, uma elevação de 9,3% em relação à dezembro, 24,3% em relação a outubro e de 76,4% nos últimos doze meses. No caso dos **Laminados à frio**, o preço médio por tonelada em janeiro de 2021 foi de R\$ 7.243, uma alta de 9,1%, 25,4% e 80,3% em relação a dezembro, outubro e na base de comparação anual, respectivamente. Por fim, o preço médio das **Chapas grossas** foi de R\$ 6.458 por tonelada em janeiro desse ano, um crescimento de 7,5% ante dezembro, 24,0% nos últimos três meses e de 66,7% em doze meses. Mais detalhes são apresentados na tabela abaixo.

### Preço dos Aços - Brasil

	R\$/ton (jan/21)	Variação %			
		jan21/dez20 (30 dias)	jan21/nov20 (60 dias)	jan21/out20 (90 dias)	dez20/jan20 (12 meses)
<b>Laminados à quente</b>					
Laminado à quente de 3,75 à 12,5mm x SAE 1008/1012/A36	5.618	9,4	16,1	24,3	76,2
Laminado à quente 2,00mm x SAE 1008/1012/ASTM A36	5.898	9,3	16,1	24,3	76,4
Laminado à quente 3,00mm x SAE 1008/1012/ASTM A36	5.730	9,4	16,1	24,3	76,4
LQ decapado e oleado 4,75mm x SAE 1008/1012/ASTM A36	5.955	9,3	16,1	24,3	76,3
Laminado à quente de 3,75 à 12,5mm x Civil 350	6.011	9,4	16,1	24,3	76,4
Laminado à quente de 3,75 à 12,5mm x COR 420	5.898	9,3	16,1	24,3	76,1
Laminado à quente de 3,75 à 12,5mm x COR 500	6.460	9,3	16,1	24,3	76,6
Laminado à quente de 3,75 à 12,5mm x ASTM A572	6.011	9,4	16,1	24,3	76,6
Laminado à quente de 3,75 à 12,5mm x SAE 1045/1050	6.460	9,3	16,1	24,3	76,6
Xadrez de 4,75 à 8,00mm x QC	7.022	9,3	16,1	24,3	76,8
<b>Média</b>	<b>6.106</b>	<b>9,3</b>	<b>16,1</b>	<b>24,3</b>	<b>76,4</b>
<b>Laminados à frio</b>					
Laminado à frio de 1,20 à 1,50mm x SAE 1006/1008	6.876	9,1	15,7	25,4	80,3
Laminado à frio 0,45mm x SAE 1006/1008	7.563	9,1	15,6	25,4	80,3
Laminado à frio 0,50mm x SAE 1006/1008	7.357	9,1	15,7	25,4	80,3
Laminado à frio 0,60mm x SAE 1006/1008	7.288	9,1	15,6	25,4	80,6
Laminado à frio 0,75mm x SAE 1006/1008	7.220	9,1	15,7	25,4	80,2
Laminado à frio 0,90mm x SAE 1006/1008	7.151	9,1	15,7	25,4	80,1
<b>Média</b>	<b>7.243</b>	<b>9,1</b>	<b>15,7</b>	<b>25,4</b>	<b>80,3</b>
<b>Chapas grossas</b>					
Chapa grossa de 9,50 à 37,50mm x ASTM A36	6.104	7,5	15,3	24,0	66,9
Chapa grossa 6,30mm x ASTM A36	6.653	7,5	15,3	24,0	66,6
Chapa grossa 8,00mm x ASTM A36	6.409	7,5	15,3	24,0	66,6
Chapa grossa de 44,5 à 63,0mm x ASTM A36	6.470	7,5	15,3	23,9	66,8
Chapa grossa de 75,0 à 100,0mm x ASTM A36	6.653	7,5	15,3	24,0	66,6
<b>Média</b>	<b>6.458</b>	<b>7,5</b>	<b>15,3</b>	<b>24,0</b>	<b>66,7</b>

Fonte: Infomet. Elaboração: UEE/FIERGS.

## Perspectiva é de alívio nos preços a partir do segundo trimestre

Acreditamos que a economia mundial irá reestabelecer os níveis de produção nos próximos meses. O início do ano é especialmente crítico por conta do feriado do ano novo chinês, o que leva a diminuição sazonal na produção e expedição do aço no mundo. Em Sondagem realizada com as indústrias do RS verificou-se a expectativa de normalização entre o final do primeiro trimestre e o início do segundo, o que corrobora com nossa expectativa.

Porém, a normalização no fornecimento pode não significar um grande alívio para as indústrias brasileiras. Como mencionado anteriormente, uma maior desvalorização da taxa de câmbio contribui para que as cotações dos produtos se mantenham em patamar elevado, uma vez que seguem uma paridade com os preços externos.

Nos últimos meses, temos observado uma desvalorização do Dólar perante às demais moedas, fato que não ocorreu com relação ao Real. Esse movimento evidencia que a elevação do risco da economia brasileira, principalmente no tocante à sustentabilidade das contas públicas, tem feito o mercado apostar contra a nossa moeda.

Um dos cenários possíveis para os próximos meses é que a elevação da taxa de juros pelo Banco Central para conter a inflação pode gerar fluxo de Dólar para investimentos em carteira no Brasil. Além disso, caso o orçamento federal para 2021 seja aprovado com um sinalização crível que as contas públicas serão ajustadas nos próximos anos, também poderá resultar em aumento de fluxo para ativos no Brasil. Acreditamos que se o fator risco for ajustado, com a taxa de câmbio no atual patamar, os ativos denominados em Real estão baratos.

Por fim, em termos de política econômica, essa conjuntura também pode ser favorável para que o Brasil inicie um processo de redução das barreiras tarifárias e não tarifárias para a importação de matérias-primas. Essa sim seria uma medida com impacto permanente.

# DADOS E PROJEÇÕES PARA A ECONOMIA BRASILEIRA

Últimas previsões atualizadas.

	2017	2018	2019	2020*	2021*
<b>Produto Interno Bruto Real (% a.a.)<sup>1</sup></b>					
Agropecuária	14,2	1,3	0,6	2,5	2,5
Indústria	-0,5	0,7	0,4	-4,0	4,2
Serviços	0,8	2,1	1,7	-4,5	3,0
<b>Total</b>	<b>1,3</b>	<b>1,8</b>	<b>1,4</b>	<b>-4,0</b>	<b>3,2</b>
<b>Produto Interno Bruto Real (Em trilhões correntes)</b>					
Em R\$	6,585	7,004	7,407	7,432	7,978
Em US\$ <sup>2</sup>	2,063	1,916	1,877	1,441	1,558
<b>Inflação (% a.a.)</b>					
IGP-M	-0,5	7,6	7,3	23,1	4,4
INPC	2,1	3,4	4,5	5,4	3,8
IPCA	2,9	3,7	4,3	4,5	4,0
<b>Produção Física Industrial (% a.a.)</b>					
Extrativa Mineral	4,5	0,0	-9,7	-3,4	3,0
Transformação	2,2	1,1	0,2	-4,6	5,7
<b>Indústria Total<sup>3</sup></b>	<b>2,5</b>	<b>1,0</b>	<b>-1,1</b>	<b>-4,5</b>	<b>4,7</b>
<b>Empregos Gerados – Mercado Formal (Mil vínculos)</b>					
Agropecuária	34,3	2,2	13,0	61,6	11,9
Indústria	-140,0	23,9	97,2	207,8	132,1
Indústria de Transformação	-14,8	1,2	13,2	90,0	65,4
Construção	-116,1	11,4	70,7	112,2	55,6
Extrativa e SIUP <sup>4</sup>	-9,0	11,2	13,3	5,6	11,1
Serviços	93,7	520,2	533,8	-124,5	572,5
<b>Total</b>	<b>-12,0</b>	<b>546,4</b>	<b>644,1</b>	<b>142,7</b>	<b>716,5</b>
<b>Taxa de desemprego (%)</b>					
Fim do ano	11,8	11,6	11,0	15,6	15,8
Média do ano	12,7	12,3	11,9	13,9	16,5
<b>Setor Externo (US\$ bilhões)</b>					
Exportações	217,7	239,3	225,4	209,8	243,6
Importações	150,7	181,2	177,3	158,9	181,8
<b>Balança Comercial</b>	<b>67,0</b>	<b>58,0</b>	<b>48,0</b>	<b>50,9</b>	<b>61,9</b>
<b>Moeda e Juros</b>					
Meta da taxa Selic – Fim do ano (% a.a.)	7,00	6,50	4,50	2,00	3,00
Taxa de Câmbio – Desvalorização (%) <sup>5</sup>	1,5	17,1	4,0	28,9	-11,0
Taxa de Câmbio – Final do período (R\$/US\$)	3,31	3,87	4,03	5,20	4,75
<b>Setor Público (% do PIB)</b>					
Resultado Primário	-1,7	-1,6	-0,8	-9,5	-4,2
Juros Nominais	-6,1	-5,4	-5,0	-4,2	-3,9
Resultado Nominal	-7,8	-7,0	-5,8	-13,7	-8,1
Dívida Líquida do Setor Público	51,4	52,8	54,6	63,0	72,8
Dívida Bruta do Governo Geral	73,7	75,3	74,3	89,3	98,3

Fontes: IBGE, BCB, FGV, Ministério da Economia, STN. \* Projeções da Unidade de Estudos Econômicos – FIERGS. <sup>1</sup> O PIB Total é projetado a preços de mercado; os PIBs Setoriais são projetados a valor adicionado. <sup>2</sup> Taxa de câmbio média anual utilizada para o cálculo e IPCA utilizado como inflação. <sup>3</sup> Não considera a Construção Civil e o SIUP. <sup>4</sup> SIUP = Serviços Industriais de Utilidade Pública. <sup>5</sup> Variação em relação ao final do período anterior.

## Informações sobre as atualizações das projeções:

Não houve alterações.

# DADOS E PROJEÇÕES PARA A ECONOMIA DO RIO GRANDE DO SUL

Últimas previsões atualizadas.

	2017	2018	2019	2020*	2021*
<b>Produto Interno Bruto Real (% a.a.)<sup>1</sup></b>					
Agropecuária	11,4	-7,1	6,0	-26,4	20,0
Indústria	-1,8	2,8	1,7	-6,5	4,5
Serviços	1,6	2,6	1,6	-4,1	1,5
<b>Total</b>	<b>1,8</b>	<b>2,0</b>	<b>2,0</b>	<b>-6,8</b>	<b>4,0</b>
<b>Produto Interno Bruto Real (Em bilhões correntes)</b>					
Em R\$	423,270	457,294	475,175	462,803	500,658
Em US\$ <sup>2</sup>	132,608	125,108	120,435	89,739	97,785
<b>Empregos Gerados – Mercado Formal (Mil vínculos)</b>					
Agropecuária	-1,5	-1,4	-0,1	0,6	1,2
Indústria	-12,1	1,5	-5,5	5,3	16,4
Indústria de Transformação	-5,9	0,9	-1,5	4,2	11,1
Construção	-3,9	0,9	-4,0	1,0	4,4
Extrativa e SIUP <sup>3</sup>	-2,3	-0,2	0,0	0,2	0,9
Serviços	5,4	20,4	26,0	-26,2	38,6
<b>Total</b>	<b>-8,3</b>	<b>20,5</b>	<b>20,4</b>	<b>-20,2</b>	<b>56,2</b>
<b>Taxa de desemprego (%)</b>					
Fim do ano	8,0	7,4	7,1	11,0	11,2
Média do ano	8,4	8,1	8,1	9,8	11,6
<b>Setor Externo (US\$ bilhões)</b>					
Exportações	17,8	18,1	18,3	14,3	17,2
Industriais	12,6	12,2	13,6	10,4	13,0
Importações	9,9	11,3	9,5	6,7	7,6
<b>Balança Comercial</b>	<b>7,9</b>	<b>6,8</b>	<b>8,8</b>	<b>7,6</b>	<b>9,5</b>
<b>Arrecadação de ICMS (R\$ bilhões)</b>					
	<b>31,9</b>	<b>34,8</b>	<b>35,7</b>	<b>36,2</b>	<b>40,6</b>
<b>Indicadores Industriais (% a.a.)</b>					
Faturamento real	3,8	2,7	3,0	-3,1	6,6
Compras	-1,3	10,0	-2,7	-5,8	8,2
Utilização da capacidade instalada	1,2	1,6	0,7	-4,5	3,2
Massa salarial	1,2	-1,3	-0,8	-9,8	5,0
Emprego	-1,1	0,9	0,0	-2,0	2,6
Horas trabalhadas na produção	-1,6	0,0	-1,0	-5,5	10,4
<b>Índice de Desempenho Industrial – IDI/RS</b>	<b>0,4</b>	<b>2,6</b>	<b>0,1</b>	<b>-4,9</b>	<b>6,2</b>
<b>Produção Física Industrial<sup>4</sup> (% a.a.)</b>					
	<b>0,6</b>	<b>5,9</b>	<b>2,5</b>	<b>-5,4</b>	<b>6,3</b>

Fontes: DEE/Seplag-RS, IBGE, BCB, Ministério da Economia, SEFAZ-RS, UEE/FIERGS. \* Projeções da Unidade de Estudos Econômicos – FIERGS. <sup>1</sup> O PIB Total é projetado a preços de mercado; os PIBs Setoriais são projetados a valor adicionado. <sup>2</sup> Taxa de câmbio média anual utilizada para o cálculo e IPCA utilizado como inflação. <sup>3</sup> SIUP = Serviços Industriais de Utilidade Pública. <sup>4</sup> Não considera a Construção Civil e o SIUP.

## Informações sobre as atualizações das projeções:

Não houve alterações.